

Os credores assinam acordo em Toronto

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Os credores do Brasil começam a assinar o acordo de redução da dívida externa do País via Plano Brady no próximo dia 29, em Toronto, no Canadá, segundo anunciaram ontem o vice-presidente do conselho do Citibank, William Rhodes, e o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. A documentação para o acordo já está concluída.

De acordo com a nota distribuída pelo porta-voz do comitê assessor de bancos, Richard Howe, o ministro Cardoso afirmou que "este acordo é parte do esforço do Brasil rumo à administração saudável de suas contas públicas. Estamos satisfeitos porque o espírito de diálogo e mútua compreensão prevaleceu durante as negociações e o Brasil e seus credores podem agora olhar para o futuro com maior confiança".

Rhodes, que fez ontem um depoimento ao Senado dos EUA sobre o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (ver abaixo), afirmou que "o acordo, quando completado, vai permitir que o Brasil normalize suas relações com os bancos comerciais,

dando-lhe maior acesso aos mercados de capitais internacionais. A conclusão desse pacote vai marcar também o final da crise da dívida externa entre as maiores economias da América Latina".

A nota de Howe lembra que a crise começou em agosto de 1982, o mês em que o México declarou sua moratória unilateral da dívida externa, e o anúncio de ontem seguiu-se à aprovação do pacote pelo Senado brasileiro na semana passada.

A conclusão efetiva do acordo e a emissão dos novos bônus devem acontecer no máximo até 15 de abril de 1994.

O anúncio da assinatura não afetou a percepção do mercado acerca da

(Continua na página 16)

O prazo-limite para a efetivação do acordo da dívida externa brasileira com os bancos credores foi prorrogado do dia 28 de fevereiro para 15 de abril. O motivo é a demora do governo em garantir as medidas necessárias ao ajuste fiscal, condição para o Brasil fechar um acordo do tipo "stand by" com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

(Ver página 16)

Os credores assinam acordo...

por Getulio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)
instabilidade brasileira. "Será que o acordo vai ser concluído? Ontem o mercado de opções com títulos do Brasil ficou um pouco sem direção, com alguns investidores comprando opções de 'put' (revenda ao emissor) para se proteger, mas um número igualmente significativo comprando opções de 'call' (recompra ao investidor) pela mesma razão — uns acreditando que os títulos do País vão cair de preço e outros, que vão subir", disse Lin Shun Mao, um vice-presidente do banco francês Société Générale.

A mesma ansiedade no mercado foi percebida por Cláudio Prado, vice-presidente na corretora alemã Metallgesellschaft. "O problema é que se você acredita que o Brasil vai mesmo fazer o acordo pelo Plano Brady em breve, e compra o Bônus C (com capitalização parcial de juros) em termos físicos, sua perspectiva de ganho a curto prazo pode ser até de 8%, só numa operação simples de arbitragem com seu preço na base de quando e se lançado. É um ganho enorme só pelo risco do acordo. Mas se o acordo não sair, você pode perder uma fortuna e até o seu emprego", conclui.